

**INIMIGO
JUDEU**

O livro é a porta que se abre para a realização do homem.

Jair Lot Vieira

Jeffrey Herf

**INIMIGO
JUDEU**

**Propaganda nazista durante a
Segunda Guerra Mundial e o Holocausto**

edipro 

INIMIGO JUDEU
PROPAGANDA NAZISTA
DURANTE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E O HOLOCAUSTO

JEFFREY HERF
TRADUÇÃO: WALTER SOLON

1ª Edição 2014

The Jewish Enemy
Copyright© 2006 by the President and Fellows of Harvard College
All rights reserved
“Published by arrangement with Harvard University Press”

© desta tradução: *Edipro Edições Profissionais Ltda.* – CNPJ nº 47.640.982/0001-40

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por quaisquer meios, eletrônicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem permissão por escrito do Editor.

Editores: Jair Lot Vieira e Maíra Lot Vieira Micales
Coordenação editorial: Fernanda Godoy Tarcinalli
Editoração: Alexandre Rudyard Benevides
Revisão: Tatiana Yumi Tanaka
Diagramação: Renata Oliveira e Karine Moreto Massoca
Capa: Marcelo Calenda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Herf, Jeffrey

Inimigo judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto / Jeffrey Herf ; tradução de Walter Solon. – São Paulo : EDIPRO, 2014.

Título original: The jewish enemy: Nazi propaganda during World War II and the Holocaust.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7283-844-3

1. Alemanha – Política e governo – 1933-1945 2. Antissemitismo – Alemanha – História – Século 20 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Propaganda 4. Holocausto judeu (1939-1945) 5. Propaganda nazista – Alemanha – História – Século 20 I. Título.

14-07993

CDD-940.5318

Índices para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu : Guerra Mundial, 1939-1945 : Propaganda : História 940.5318



edipro

edições profissionais ltda.

São Paulo: Fone (11) 3107-4788 – Fax (11) 3107-0061

Bauru: Fone (14) 3234-4121 – Fax (14) 3234-4122

www.edipro.com.br

AGRADECIMENTOS

É com grande prazer que agradeço às pessoas e instituições que apoiaram a pesquisa e a escrita deste livro.

Ludger Kühnhardt, codiretor do Centro para os Estudos da Integração Europeia na Universidade de Bonn, apoiou-me com uma bolsa acadêmica no verão de 1998 naquela universidade, quando iniciei o projeto. Hartmut Lehman, diretor do Instituto Max Planck em Göttingen, Alemanha, forneceu uma bolsa de pesquisa durante o verão de 1999 nesse instituto. Bruce Steiner, chefe do Departamento de História na Universidade de Ohio em Athens, concedeu-me uma licença na primavera de 2000. Sou especialmente grato a ele e a Norman Goda, Alonzo Hamby, Steven Miner e outros bons colegas e amigos de Athens por terem tornado meus anos lá tão bons. Anita Shapira, então diretora do Centro Yitzhak Rabin para Estudos de Israel, convidou-me para passar ali a primavera de 2000 como Fellow. Lá, tive a sorte de participar num intercâmbio de ideias com um incentivador do grupo de pesquisadores israelenses, além de ter acesso às coleções de materiais referentes à era nazista da Biblioteca Wiener, hoje sediada na Biblioteca Sourasky da Universidade de Tel Aviv. Colegas e estudantes da Maryland University em College Park, de cujo Departamento de História tornei-me membro no outono de 2000, fizeram comentários preciosos. James Harris, reitor do College of Arts and Humanities e John Lampe, então chefe do Departamento de História, apoiaram minha licença para pesquisa nos semestres de primavera de 2002 e 2004. Uma bolsa do Graduate Record Board da universidade, que obteve apoio de nosso atual chefe de departamento,

Gary Gerstle, tornou possível a reprodução colorida neste livro dos pôsteres e jornais-murais da era nazista.

Bolsas do Centro de Estudos Avançados do Holocausto no United States Memorial Museum na primavera de 2004 e no Woodrow Wilson International Center for Scholars, também em Washington, D.C., no outono de 2004, permitiram-me ter tempo, fontes excelentes e uma equipe atenciosa que muito me ajudaram durante o término do manuscrito. Ambas as instituições demonstram que a pesquisa acadêmica é valorizada e encorajada nessa cidade de políticos, jornalistas, conselheiros de políticas, advogados e burocratas. Lee Hamilton, diretor do Wilson Center, merece os agradecimentos de muitos pesquisadores por ter convencido políticos de que a pesquisa básica nas ciências sociais e humanas é digna de apoio. A equipe da biblioteca do Wilson Center foi particularmente prestativa. No Museu do Holocausto, Sharon Muller, do arquivo fotográfico, deu sugestões valiosas sobre as dimensões visuais da propaganda nazista.

Faço um agradecimento aos arquivistas na Alemanha do Bundesarchiv Koblenz, do Landeshauptarchiv Koblenz, do Institut für Zeitungsforschung em Dortmund e do Bayerisches Hauptstaatsarchiv. Todos me deram valiosa assistência quando pesquisei os pôsteres e jornais-murais produzidos pelo regime nazista. Agradeço da mesma maneira às equipes do Imperial War Museum de Londres e do Hoover Institution Archives em Stanford, Califórnia. O Center for Research Libraries de Chicago permitiu-me ler as edições originais do *Der Völkische Beobachter*. O Bundesarchiv Koblenz respondeu prontamente a pedidos de microfimes. A equipe do United States National Archives and Record Administration, situada ao lado do campus da Maryland University, facilitou o acesso a suas impressionantes coleções de microfimes sobre a era nazista. Dois de meus alunos de pós-graduação deram-me assistência. Christina Morina recolheu documentos importantes de arquivos e livrarias em Berlim, enquanto Nicholas Schlosser contribuiu de maneira eficiente na Library of Congress em Washington.

Comentários e questões de colegas, numerosos demais para serem mencionados, em resposta a apresentações da obra durante sua composição, permitiram-me muitas reflexões conforme o manuscrito se desenvolvia. Agradeço aos colegas e participantes de diversas instituições: o Grupo de Estudos Alemães do Minda de Gunzberg Center for European Studies, da Harvard University; o New York Area Intellectual and Cultural History Seminar, Graduate Center, na City University of New York; a conferência “Convergence and Divergence in Historical Perspective: Anti-Semitism

and Anti-Zionism” na Brandeis University; o Instituto Simon Dubnow de História Judaica, na Universidade de Leipzig, Alemanha; o Centro Internacional de Pesquisa nas Ciências da Cultura de Viena, Áustria. Agradeço aos participantes da conferência “Nazi Berlin” no Dartmouth College; aos historiadores alemães da região de Washington; os comentadores e palestrantes das conferências da German Studies Association em 2001, 2003 e 2005; à Universidade da Europa Central de Budapeste, na Hungria; ao Departamento de História, ao Meyerhoff Center for Jewish Studies e ao Center for Historical Studies, Maryland University, College Park; aos participantes da conferência “The Lesser Evil” [“O mal menor”] na New York University; aos participantes dos seminários do United States Holocaust Memorial Museum de Washington, D.C.; bem como ao Woodrow Wilson International Center for Scholars, Washington, D.C.; aos participantes de uma conferência sobre o totalitarismo organizada no outono de 2004 na Stanford University e os da conferência “Lessons and Legacies” [“Lições e legados”] da Brown University, também no outono de 2004.

Partes desta obra, ainda em desenvolvimento, foram publicadas como “The Jewish War: Goebbels and the Anti-Semitic Campaigns of the Nazi Propaganda Ministry” in *Holocaust and Genocide Studies* 19, no 1 (Spring 2005), p. 51-80; e como “Der Krieg und die Juden – Die narrativen Strukturen von Goebbels’ antisemitischer Propaganda”, in Jorg Echternkamp, ed., *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg*, v. 9, livro 2: *Die deutsche Kriegsgesellschaft, 1939-1945* (Munich: Deutsche Verlagsanstalt, 2005). Obrigado aos respectivos editores por seus comentários. O psicólogo John Wechter, de Boston, atraiu minha atenção para descobertas psicanalíticas clínicas sobre a ocorrência simultânea de grandiosidade e paranoia.

Na Harvard University Press, agradeço aos comentários úteis e pertinentes dos leitores do manuscrito, ao editor do manuscrito pela leitura cuidadosa, pelas questões pertinentes e sugestões úteis e a Rachel Weinstein e posteriormente Fabienne François, que acompanharam a publicação. Faço um agradecimento especial à minha excelente editora Joyce Seltzer. Seu julgamento fino e suas observações valiosas ajudaram a tornar o texto mais acessível ao grande público, sem que ele perca valor para meus colegas acadêmicos.

Já há muitos anos, tenho tido a grande sorte de me beneficiar das ideias, questões pertinentes, encorajamento e amor de uma excelente historiadora, a minha esposa, Sonya Michel.

*Em memória de George L. Mosse (1918-1999)
e para Walter Laqueur*

SUMÁRIO

<i>Lista de imagens</i>	10
<i>Abreviaturas</i>	12
<i>Prefácio à edição brasileira: nazismo e o inimigo judeu</i>	13
<i>Prefácio</i>	35
Capítulo 1 • Os judeus, a guerra e o Holocausto	39
Capítulo 2 • Construindo o consenso antissemita	59
Capítulo 3 • “Judaísmo internacional” e as origens da Segunda Guerra Mundial	95
Capítulo 4 • Em guerra contra a aliança entre bolchevismo e plutocracia	139
Capítulo 5 • Propaganda nas sombras dos campos de extermínio	187
Capítulo 6 • “Os judeus são os culpados por tudo”	247
Capítulo 7 • “Vitória ou extermínio”	297
<i>Conclusão</i>	331
<i>Apêndice: As campanhas antissemitas do regime nazista refletidas nas matérias de capa do Der Völkische Beobachter</i>	347
<i>Referências</i>	355
<i>Ensaio bibliográfico</i>	361
<i>Índice remissivo</i>	371
<i>Glossário</i>	389

LISTA DE IMAGENS

1. “Abaixo a escravidão financeira! Vote Nacional-Socialista!” (“*Nieder mit der Finanzversklavung! Wählt National Socialist!*”), pôster eleitoral nazista de Hans Schweitzer, 1924, in Erwin Schockel, *Das politische Plakat: Eine psychologische Betrachtung* (Munique, Zentralverlag der NSDAP, 1939). 209
2. “O manipulador: trabalhadores manuais e intelectuais votam no bloco popular” (“*Der Drahtzieher: Kopf- u. Handarbeiter wählt: Völkischen Bloc*”), pôster eleitoral, 1924, in Friedrich Arnold, *Anschläge: 220 politische Plakate als Dokumente der deutschen Geschichte, 1900-1980* (Ebenhausen: Langewiesche-Brandt, 1985). 210
3. Foto do governador Herbert H. Lehman in Hans Diebow, *Juden in USA* (Berlim: Franz Eher Verlag, 1941), que pretende mostrar e desmascarar um exemplo do “mimetismo” judaico. 211
4. “Os judeus quiseram a guerra!” (“*Die Juden haben den Krieg gewollt!*”), Ministério de Esclarecimento Público e Propaganda, outono de 1941. Bundesarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 003-020-023. 212
5. “O objetivo militar da plutocracia mundial” (“*Das Kriegsziel der Weltplutokratie*”), imagem de Hans Schweitzer, texto de Wolfgang Diewerge, posfácio de Joseph Goebbels, Ministério do Reich de Esclarecimento Popular e Propaganda, Berlim, 1941 (Berlim: Franz Eher Verlag, 1941). 213
6. Foto de Nathan Kaufman in Hans Diebow, *Juden in USA* (Berlim: Franz Eher Verlag, 1941). A legenda diz: “Ele exige o extermínio completo do povo alemão” (“*Er fordert völlige Ausrottung des deutschen Volkes*”). 214
7. “Sempre o mesmo objetivo! A Alemanha deve ser exterminada!” (“*Immer das gleiche Ziel: Deutschland muss vernichtet werden!*”), *Parole der Woche*, 10 de outubro de 1941, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista. Landeshauptarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 1717. 215

8. “A conspiração judaica” (“*Das Jüdische Komplott*”), *Parole der Woche*, 10 de dezembro de 1941, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista. Landeshauptarchiv Koblenz, n. 1709. 215
9. “Complô judaico contra a Europa” (“*Juden Komplott gegen Europa*”), Ministério do Reich de Esclarecimento Popular e Propaganda, verão de 1941. Imperial War Museum, Londres, PST 8395. 216
10. “Os manipuladores! São só judeus!” (“*Die Drahtzieher! Es sind nur Juden!*”), *Parole der Woche*, May 27, 1942, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista. Landeshauptarchiv Koblenz, n. 1800. 217
11. “Um inglês clarividente: a dominação dos judeus será terminada!” (“*Ein weitblickender Engländer: Mit der Herrschaft des Judentums wird Schluß gemacht!*”), *Parole der Woche*, 8 de agosto de 1942, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista. Landeshauptarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 1722. 218
12. “O judeu Kaufman superado!” (“*Der Jude Kaufman übertrumpft!*”), *Parole der Woche*, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista, 19 de agosto de 1942. Landeshauptarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 1758. 219
13. “Cai a máscara! Eis os verdadeiros senhores dos EUA!” (“*Die Maske fällt! Das sind die wahren Herren in USA!*”), *Parole der Woche*, 30 de setembro de 1942, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista. Landeshauptarchiv Koblenz, n. 1787. 220
14. “Eles deixarão de rir!!!” (“*Das Lachen wird ihnen vergehen!!!*”), *Parole der Woche*, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista, novembro/dezembro de 1942. Hoover Institution Archives, GE 3848. 220
15. “Quem carrega a culpa pela guerra? Roosevelt, Churchill e Stalin carregam a responsabilidade por esta guerra diante da história. Por trás deles, no entanto, está o judeu” (“*Wer ist am Kriege schuld? Roosevelt, Churchill und Stalin tragen vor der Geschichte die Verantwortung für diesen Krieg. Hinter ihnen aber steht der Jude*”), *Parole der Woche*, Diretório de Propaganda do Reich do Partido Nazista, 18 de novembro de 1942. Institut für Zeitungsforschung der Stadt Dortmund, Dortmund, Alemanha, *Parole der Woche*, Folge 47. 221
16. “Por trás das potências inimigas: o judeu” (“*Hinter den Feindmächten: der Jude*”), Ministério de Esclarecimento Popular e Propaganda, primavera/verão de 1943. Bundesarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 003-020-021. 222
17. “Ele é o culpado pela guerra!” (“*Der ist schuld am Kriege!*”), Hans Schweitzer, Ministério de Esclarecimento Popular e Propaganda, primavera/verão de 1943. Bundesarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 003-020-020. 223
18. “O judeu: instigador da guerra, prolongador da guerra” (“*Der Jude, Kriegsanstifter, Kriegsverlängerer*”), Hans Schweitzer, Ministério de Esclarecimento Popular e Propaganda, primavera/verão de 1943. Bundesarchiv Koblenz, Koblenz, Alemanha, n. 003-020-022. 224



ABREVIATURAS

BAK, SO	Bundesarchiv Koblenz, Sammlung Oberheitmann
BDC	Centro de Documentação de Berlim
IMT	Julgamentos de Criminosos de Guerra diante dos Tribunais Militares de Nurembergue
NARA	United States National Archives and Records Administration
NWCT	Tribunais de Crimes de Guerra de Nurembergue
RG	Records Group
USHMMA	United States Holocaust Memorial Museum Archive
VIIdRMVP	Vertrauliche Informationen des Reichsministeriums für Volksmeinung und Propaganda

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA: NAZISMO E O INIMIGO JUDEU

Wagner Pinheiro Pereira¹

Se o judaísmo financeiro internacional, dentro e fora da Europa, conseguir jogar as nações mais uma vez em uma guerra mundial, o resultado não será a bolchevização do mundo, com uma vitória dos judeus, mas sim a aniquilação da raça judaica na Europa.

Adolf Hitler

O TERCEIRO REICH E A CRIAÇÃO DA “COMUNIDADE DO POVO”

A experiência política do nazismo na Alemanha representou a face mais nefasta do fenômeno identitário ao conceber – com bases étnicas e raciais – um padrão ideal e fechado de povo alemão, que não permitia a inclusão ou a simples (co)existência daqueles indivíduos considerados diferentes e fora dos padrões raciais nazistas no seio da sociedade alemã do Terceiro Reich (1933-1945). Dessa forma, um dos fundamentos da ideologia nazista foi a nítida contraposição entre aqueles que faziam parte da *Volksgemeinschaft* (*Comunidade do Povo*) e aqueles considerados como o “Outro”, os quais, por meio de uma ação violenta e agressiva do regime nazista, deveriam não apenas ser combatidos como excluídos social e fisicamente da comunidade nacional.

1. Professor adjunto de História da América no Instituto de História e no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IH/PPGHC-UFRJ). Coordenador do Laboratório de Estudos Históricos e Midiáticos das Américas e da Europa – Universidade Federal do Rio de Janeiro (LEHMAE-UFRJ) e autor do livro *O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e de Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda, 2012, dentre outras publicações.

O nazismo tinha como um de seus princípios fundamentais a missão de “embelezar” o mundo, que, em tempos antigos, havia sido resplandecente em beleza. Na ótica nazista, a miscigenação e a degeneração o teriam transformado em ruínas, e só com o retorno aos velhos ideais a sociedade poderia florescer novamente. Para isso, o regime nazista desenvolveu um imenso aparato propagandista, ideológico e repressivo tanto para doutrinar e enquadrar os membros da *Comunidade do Povo* quanto para discriminar aqueles que não se encaixavam ao modelo ideal de alemão concebido pela ideologia nazista. Principais vítimas, logo após a chegada de Adolf Hitler ao poder, em 30 de janeiro de 1933, foram os inimigos políticos, encerrados em campos de concentração para serem “reeducados”. Outras minorias, como os homossexuais ou os “antissociais”, embora indesejáveis e qualificadas como indignas de fazer parte da comunidade nacional, foram consideradas reinseriáveis na sociedade,² desde que mudassem seus hábitos. Outros, ao contrário, foram estigmatizados como racialmente inferiores, como os judeus, além dos ciganos e dos doentes mentais: a estes devia ser proibido qualquer contato com os alemães, e foram gradualmente excluídos de todos os setores da sociedade.

A operação de mistificação ideológica realizada pelo regime nazista foi de grande importância: o apelo ao privilégio de todos pertencerem à *Comunidade do Povo* foi um forte incentivo para a consolidação da disciplina coletiva. O sentido de que os membros da comunidade eram todos partícipes dos destinos dela, embora ilusório, representou um elemento de homogeneização dos comportamentos que pareceu convalidar a tese do regime sobre a existência de uma sociedade sem conflitos. Nesse ponto, podemos definir o projeto político nazista como totalitário pela sua proposta de formação de uma sociedade organizada em torno de um corpo único e indiviso, sem espaço para qualquer tipo de diferença ou divergência. A imagem que mais bem representa essa ideologia é a figura do organismo humano, na qual o líder é a cabeça que comanda o corpo, representado pelas massas. Nesse imaginário, os que não se integravam completamente no coletivo ideal eram considerados como obstáculos ao desenvolvimento saudável do corpo nacional,

2. No caso dos homossexuais, apenas as mulheres lésbicas foram consideradas passíveis de reinserção na sociedade alemã, já que o Estado nazista considerava que não havia possibilidade de “curar” os homens gays. Sobre o tema, recomenda-se o documentário *Parágrafo 175* (*Paragraph 175*, dir. Rob Epstein e Jeffrey Friedman, Reino Unido/EUA/Alemanha, 2000), que descreve as vidas de alguns homens e mulheres que foram aprisionados pelos nazistas acusados de homossexualidade segundo o *Parágrafo 175*, a legislação sobre sodomia do Código Penal alemão de 1871.

colocando em risco a sua sobrevivência.³ Além das delimitações jurídicas, foram projetados mecanismos de exclusão, injetados na psicologia de grandes massas que, perante as vítimas, assumiam uma violência persecutória muito mais incisiva e interiorizada, e identificada com um imperativo não político, mas ético.

O ANTISSEMITISMO: PERCURSO HISTÓRICO

Dentre os vários inimigos da Alemanha Nazista, indubitavelmente, o judeu foi o mais odiado. A razão pela qual o antissemitismo mostrou-se uma ideologia tão poderosa e amplamente aceita era por formar o que Shulamit Volkov (1978, p. 25-45) chamou de um código cultural: o ponto de cristalização de numerosos preconceitos antimodernos, medos profundamente arraigados e ansiedades existenciais que podiam ser facilmente reforçadas por desagradados pessoais. Os judeus eram vistos como a incorporação de tudo o que fosse ameaçador e perturbador acerca do progresso e da modernização, o repositório de tudo o que fosse negativo. Eles representavam liberalismo, socialismo, comunismo e capitalismo. Eram estranhos e forasteiros na era do hipertrofiado nacionalismo, no qual Nação e Estado eram vistos como idênticos. Eles formavam uma “contraidentidade”, a reversão de valores e virtudes, sendo apresentados como nômades desonestos, manipuladores covardes nos bastidores, exploradores sujos e predadores sexuais.

A identidade alemã baseava-se nos princípios de etnia. Nem todos viviam no país, e aqueles que emigraram continuavam sendo alemães. Mas esse senso de identidade fora prejudicado por um acentuado estado de insegurança após a humilhação da derrota na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a imposição de um duro acordo de paz, seguido por crônicas crises econômicas e políticas que pareciam incontroláveis.

A figura do “judeu” servia, portanto, como uma imagem reversa da autodefinição alemã, resultando na despersonalização do judeu individual, o qual era transfigurado em uma imagem de propaganda distorcida. Nesse sentido, a propaganda nazista simplesmente usou a predisposição dos alemães, muito acentuada no século XIX, para o antissemitismo. Alguns estudiosos chegam a identificar as raízes do antissemitismo ainda durante a Antiguidade pagã, com o próprio surgimento do judaísmo, enquanto outros (ISAAC, 1986) consideram que não se poderia falar em ódio sistemático aos judeus propriamente antes da difusão do cristianismo.

3. Para a compreensão do significado dos imaginários totalitários, ver o estudo de Claude Lefort, que analisou a representação da dupla líder/massa por meio da imagem do corpo UNO no texto: A imagem do corpo e o totalitarismo (LEFORT, 1987, p. 107-31).

O antissemitismo tradicional, com conotação econômico-religiosa (séculos XV-XIX), foi marcado pelas ideias de deicídio (responsabilização dos judeus pela morte de Jesus Cristo); de traição (ao associar todo povo judeu à figura de Judas); de suspeita em relação aos textos sagrados judaicos (representada pela dificuldade de compreensão do Talmud e a incapacidade de os judeus aceitarem o Novo Testamento). Também foi associado à prática da usura (empréstimo de capital a juros), papel desempenhado pelos judeus por razões históricas, uma vez que essa prática era vedada pela Igreja aos católicos, principalmente durante a Idade Média; e a acusações de assassinatos rituais. Essas ideias inter-relacionadas que persistiram por séculos sedimentaram no imaginário dos povos europeus uma concepção de judeu associada ao traíçoeiro, ao demoníaco, ao antiCristo, que mais tarde viria a se somar a outros elementos, com o advento dos Estados-Nação e com o desenvolvimento das doutrinas raciais.

O antissemitismo remonta a tempos antigos, mas foi fortalecido pela Igreja Católica e pelas lendas populares que continham rumores maliciosos e preconceituosos sobre os judeus (tais como o deicídio, o assassinato ritual, a profanação da hóstia e a Peste Negra) durante a Idade Média. Por séculos o folclore europeu demonizou os judeus, retratando-os com chifres e caudas bifurcadas ou como répteis. Por exemplo, o vitral de uma catedral do século XIII em Marburg, Alemanha, revela em suas imagens a crença ancestral de que o cristianismo seria superior ao judaísmo. O cristianismo, representado pela Eclésia, usa uma coroa, enquanto que o judaísmo, ou Sinagoga, está com os olhos vendados, recusando-se a enxergar a verdade, e segura em suas mãos chifres de um bode, símbolo do mal.

As acusações contra os judeus que causaram maior temor foram as dos “libelos de sangue”, rituais demoníacos em que os judeus assassinavam crianças cristãs para utilizar seu sangue em um pão especial. A primeira acusação dessa prática ritual ocorreu em 1140, na cidade de Norwich, Inglaterra. A mais conhecida, contudo, foi a do Assassinato Ritual de Simão de Trento (1475), que levou os judeus a serem martirizados publicamente nessa região, pela acusação de terem matado o menino Simão a fim de lhe extrair o sangue.⁴

Outra lenda antissemita do período medieval remetia à acusação de que os judeus profanavam os elementos sagrados da Santa Comunhão (a hóstia),

4. Essa acusação foi abolida pela Igreja em 1950. Em 1965, durante o Segundo Concílio Vaticano, a Igreja começou a reinvestigar a história de São Simão e abriu de novo o processo. Finalmente declararam o episódio uma fraude. O culto de São Simão foi abandonado pelo papa Paulo VI, sendo removido do calendário, e sua veneração, proibida.

numa tentativa de crucificar Jesus uma segunda vez. Em 1298, a acusação de profanação da hóstia fez que toda a população judaica de Worms fosse queimada. O massacre dos judeus continuou por toda a Alemanha e também na Áustria. De acordo com as estimativas, 100 mil pessoas foram assassinadas e cerca de 140 comunidades judaicas, dizimadas.

Quando houve a Peste na Europa (1347-1350), os judeus foram considerados responsáveis; dizia-se que eles haviam envenenado os poços de água. No sul da França, norte da Espanha, Suíça, Baviera, Renânia, Alemanha, Bélgica, Polônia e Áustria acreditou-se na acusação, e mais de 200 comunidades judaicas por toda a Europa foram destruídas. Mais de 10 mil judeus foram mortos em somente três cidades alemãs (Erfurt, Mainz e Metz).

O sentimento antissemita tornou-se mais virulento e exacerbou a ideia de separar os judeus do convívio com cristãos ainda no período medieval, quando bispos ou senhores feudais organizaram áreas para o confinamento de judeus. Em Veneza, o quarteirão judeu foi estabelecido no local de uma fundição de metal – ou *ghetto*, em italiano. Na Rússia do século XIX, os judeus foram relegados à Zona de Assentamento, mais aberta e com território maior do que os guetos originais. Em 1215, o papa ordenou que todos os judeus usassem algo em suas vestes que os distinguissem, tais como chapéus e outros distintivos.⁵

O imaginário antissemita tradicional, com conotação religiosa, foi consolidado com a lenda do “Judeu Errante” (cognominado *Ahasverus*), um personagem mítico que faz parte da tradição oral cristã. Diz a lenda que *Ahasverus* foi contemporâneo de Jesus e trabalhava num curtume ou oficina de sapateiro, em Jerusalém, numa das ruas por onde passavam os condenados à morte por crucificação, carregando suas cruces. Na Sexta-feira da Paixão, Jesus Cristo, ao passar por aquele mesmo caminho, carregando sua cruz, teria sido importunado com ironias e agredido verbal ou fisicamente por

5. Segundo a historiadora Maria Luiza Tucci Carneiro (2007, p. 34-5), desde os tempos medievais era comum, em vários países europeus – inclusive na própria Alemanha –, as autoridades obrigarem os judeus a usar uma rodela amarela distintiva nas vestes ou um grande chapéu cônico. O IV Concílio de Latrão (1215) estabeleceu, como princípio geral, o uso de vestimentas diferentes para judeus, sarracenos, heréticos, leprosos, prostitutas e outros personagens tratados como infames. Mas foi na França que nasceu a ideia de “marcar” os indesejáveis com uma rodela amarela, cor-símbolo dos invejosos e dos malvados. Essa foi uma das fórmulas encontradas para distinguir os cristãos de párias. A Alemanha optou por um chapéu cônico, cujo uso foi imposto pelo Concílio de Viena (1267), legislação que nem sempre foi respeitada. Documentos históricos dos séculos XIV e XV referem-se ao uso obrigatório de um chapéu amarelo e vermelho substituído, nos séculos seguintes, pela rodela. Nessa mesma época, a Polônia adotou um chapéu pontudo verde e a Inglaterra, duas tiras de pano costuradas sobre o peito. A Itália e a Espanha optaram pela rodela, enquanto Portugal adotou o uso do chapéu cônico e do sambenito, traje usado pelos cristãos-novos durante os autos de fé.

Ahasverus. Jesus, então, o teria amaldiçoado, condenando-o a vagar pelo mundo, como apátrida e sem nunca morrer, até a sua volta, no fim dos tempos.⁶

Já o antissemitismo moderno, essencialmente político, fundamentava-se nas teorias racistas que circularam entre 1861 e 1895, responsáveis por transformar o judeu, “mercador do mal”, não somente em uma criatura racialmente inferior, mas perene ameaça à nova ordem que se pretendia criar, além de ser apontado como bode expiatório de todas as desgraças e dificuldades da Alemanha.

Dentre os autores antissemitas do século XIX que destacaram o perigo “racial” representado pelo judeu, Richard Wagner (1813-1883) foi um dos mais fervorosos. O compositor alemão nunca escondeu seu ódio aos judeus, considerando-os como “inimigos natos da humanidade e de tudo o que é nobre”. Em alguns de seus escritos, Wagner descreveu o judeu como sendo de uma superioridade maléfica, atribuindo-lhe a invenção do papel-moeda, o qual denominou de “maquinação diabólica” (POLIAKOV, 1985, p. 376-98).

-
6. As versões do incidente são variadas. Uma delas diz que Jesus Cristo teria caído, sob o peso da cruz, bem defronte à loja onde trabalhava *Ahasverus*, e este, zombando, teria gritado para o condenado que “caminhasse”. Jesus teria respondido a *Ahasverus* que ele, o sapateiro, é quem caminhará pelo mundo até o fim dos tempos.

Uma variante diz que, antes que Simão Cireneu oferecesse auxílio, Jesus teria pedido a *Ahasverus* que o ajudasse a reerguer a cruz, e este recusara. Outra versão da lenda conta que Jesus teria parado diante do curtume e pedido a *Ahasverus* que lhe desse uma caneca d’água. *Ahasverus* teria então replicado, dizendo: “Se és o Filho de Deus, faça que jorre uma fonte de água fresca do chão”. E Jesus, por isso, teria amaldiçoado o artesão.

É possível que a lenda do “Judeu Errante” tenha tido início no século IV, quando um bispo da Armênia ou da Pérsia, em visita a Constantinopla ou participando do Concílio de Niceia, teria dito, em resposta a um incrédulo, que no seu país ainda restava, viva, uma testemunha do martírio de Jesus Cristo. A partir daí, a imaginação popular teria elaborado o restante da história, ao confundir essa suposta testemunha com a figura de Malco, um servo de Caifás, ou com um certo cidadão de Jerusalém, Catáfito (ou Catafilio), que era porteiro de Pilatos, ou até mesmo com Judas Iscariotes, que teria, de alguma forma, sobrevivido ao autoenforcamento. Em outras versões, o Judeu Errante é identificado com Samer ou Samar, que fundiu o bezerro de ouro, ou com Samuel Belibeth, o sapateiro que teria negado água a Jesus.

Nos primeiros tempos da expansão do islamismo houve o boato, entre os conquistadores árabes da Síria, de que o tal Judeu Errante havia sido, de fato, encontrado em Damasco. Séculos mais tarde, o boato ressurgiu na Península Ibérica, e dizia-se que um certo Juan Esperendios (“espera em Deus”) seria esse personagem. Na Itália medieval falava-se que o Judeu Errante atendia pelo nome de Giovanni Buttadeo (“o que joga fora Deus”), e na Alemanha, no século XVI, um bispo de Hamburgo afirmou ter conhecido o Judeu Errante pessoalmente, tendo sido inclusive publicado, anos mais tarde, o suposto diálogo entre o bispo e o judeu.

No Brasil, algumas histórias populares afirmam que o errante teria imigrado para Pernambuco, no tempo do domínio holandês, permanecendo incógnito no Brasil. Teria sido localizado, pela última vez, no norte de Minas Gerais, quando foi visto chorando sangue diante de uma igreja num dia de Sexta-Feira da Paixão. Enfim, a expressão popular “onde Judas perdeu as botas” poderia ser uma fusão do sapateiro de Jerusalém com Judas Iscariotes e, portanto, alusiva ao mito do “Judeu Errante”.

Em seu ensaio *Judaismus im Musik (Judaísmo na música)*, escrito em 1850, Richard Wagner tentava compreender a sensação “invariavelmente abominável” que encontrava “na personalidade e na essência do judeu”. Segundo ele, todos os alemães compartilhavam desse sentimento de “abominação natural da essência judaica”, o que tornava, dessa forma, toda a simpatia em relação ao judeu algo imposto pelas “utopias liberais” da época. Além disso, apontava que os judeus possuíam uma aparência externa esquisita e desagradável e que, sem dúvida, nenhum alemão iria querer ter qualquer similitude ou aspecto “em comum com um homem possuidor de tal aparência”. Irritava-o, acima de tudo, que o judeu falasse o idioma do povo em cujo meio vive há séculos “sempre como se fosse um idioma estrangeiro”.

Na conclusão do artigo, utiliza-se de uma metáfora biológica dos judeus ao comparar a música alemã a um corpo moribundo:

Enquanto a arte musical possuía uma vontade de viver interna e verdadeira, isto é, até a época de Mozart e Beethoven, não se poderia achar um compositor judeu. Era impossível que um elemento totalmente estranho a este corpo tivesse participação no delineamento desta vida. Somente quando foi possível enxergar a morte interna deste corpo é que os elementos externos ganharam força para dominá-lo e esmigalhá-lo. (WAGNER, 1850)

Assim, para Richard Wagner, o judeu era representado sob a forma de um vírus que atacou e se instalou no corpo combalido (a música e as artes alemãs) e, ao mesmo tempo, como o verme que começava a devorar esse cadáver.

O antissemitismo moderno ganhou força em 1878 com o alemão Wilhelm Marr, autor do panfleto *A vitória do judaísmo sobre o germanismo*, também conhecido como *Tratado de Marr*, que notoriamente pregava o ódio aos judeus e defendia que a Alemanha havia sido dominada inteiramente por eles. Ao se mesclar ao nacionalismo, esse antissemitismo pregava a segregação por meio de medidas sociais e legais, de forma a impedir o controle da vida nacional pelos judeus.

O antissemitismo foi também uma das características culturais e políticas comuns a boa parte da Europa, depois do fim da Primeira Guerra Mundial. Profundas especificidades nacionais, mas também condições e motivações gerais, estiveram na base da difusão do fenômeno: em primeiro lugar, um obscuro senso de catástrofe da civilização, acompanhado pela constatação do declínio da Europa e de sua hegemonia, bem como a ressonância com a qual se difundiu o mito da Revolução Russa de 1917, associada ao papel central que nela desempenharam os judeus. O estereótipo do “judeu-

-bolchevismo” constituiu um *slogan* de fácil efeito e foi um poderoso fator multiplicador. Um texto fundamental do antissemitismo, *Os protocolos dos sábios de Sião*⁷ – dedicado a uma pretensa conjuração tramada pelos judeus para a conquista do mundo –, começou a circular em toda a Europa entre as duas guerras; a primeira edição alemã apareceu em 1919. Esse texto contribuiu para difundir a ideia de um complô, obra de um poder oculto e invencível, que exatamente por isso devia ser combatido com a máxima violência e eficácia.

Nessa mesma linha, foi lançado ainda o *best-seller* *A França judia*, de Edouard Drumont, sobre a pretensa dominação da França pelos judeus, o que dez anos mais tarde foi ao encontro das acusações efetuadas contra o capitão judeu Alfred Dreyfus. O julgamento de Dreyfus foi considerado como “a mais extraordinária exibição do moderno antissemitismo fora da Alemanha” por ter ameaçado os direitos dos judeus na França. Trouxe à tona elementos ideológicos e políticos do antissemitismo que foram reaproveitados, posteriormente, no governo de Vichy, após a derrota da França em 1940.⁸

-
7. O livro *Os protocolos dos sábios de Sião* foi escrito por Sérgio Nilus, funcionário do Sínodo, entidade paraestatal russa, em 1905. Nilus baseou sua obra numa sátira escrita em 1864 por Maurice Joly contra Napoleão III, imperador da França. Em linhas gerais, a obra de Joly apresentava um diálogo entre Maquiavel e Montesquieu no inferno. Por meio desse diálogo, Napoleão III era apresentado como um homem cínico, ambicioso, sem escrúpulos e aventureiro, cuja pretensão era a de tomar o poder ampliando as conquistas de seu tio Napoleão Bonaparte. Esse livro foi confiscado na França e jogado nos depósitos da polícia. Ao visitar a França em 1895, o czar Nicolau II da Rússia recebeu de um agente da polícia russa um desses exemplares. Verificou que o conteúdo poderia ser usado contra os judeus, simplesmente, ao substituir Napoleão III por judeus. O documento chegou a influenciar diretamente o czar Nicolau II, que eliminou da Constituição todas as ideias consideradas como “liberais”, pois estas nada mais eram do que “invenções judaicas para enfraquecer os povos com o objetivo de dominá-los”. *Os protocolos dos antigos eruditos de Sião*, como também é conhecido, trata-se de uma das maiores falsificações do século XX, tendo sido publicado pela primeira vez na Rússia (1905), sendo composto por 24 conferências de pretensos judeus “antigos”. O objetivo era mostrar que os “antigos judeus” tinham a pretensão de dominar o mundo secretamente, possuindo para isso uma organização que se reunia, de tempos em tempos, para planejar a conquista. Essa dominação judaica secreta seria efetivada por meio do controle da imprensa, do governo, das finanças etc. Tal obra veio a público em 1917, quando os arquivos czaristas foram abertos. Teve várias edições, alcançando maior notoriedade na Alemanha e na Inglaterra e espalhando-se em seguida para todo o mundo ocidental. Entretanto, *Os protocolos* foram desmascarados em 1921 por um correspondente do *Times*, de Londres, apesar de os antissemitas tentarem de todas as formas comprovar a sua autenticidade. (Cf. informações extraídas de: CARNEIRO, 1995, p. 60-1)
8. O caso Dreyfus consiste no episódio ocorrido em 1894, quando o Exército francês acusou o capitão Alfred Dreyfus de ter entregado informações confidenciais à Alemanha. Dreyfus foi preso e condenado à prisão perpétua, degradação e deportação para a Ilha do Diabo (Guiana Francesa). Posteriormente, a descoberta do verdadeiro culpado, o comandante Esterházy, comprovou o erro judiciário. Cidadãos antiDreyfus não hesitavam em incriminá-lo pelo fato de ele ser judeu e, portanto, um traidor que vendia a pátria ao seu maior inimigo, a Alemanha. (Cf. Informações extraídas de: CARNEIRO, 2007, p. 21)

O nazismo soube se apropriar de todo o patrimônio ideológico do antissemitismo que havia se desenvolvido desde a Idade Média, acrescentando-lhe, especialmente por obra de Joseph Goebbels e Julius Streicher, a visão apocalíptica de uma guerra extrema entre arianos e judeus. Adolf Hitler acreditava veementemente que “o judeu” apresentava uma ameaça à saúde, ao poder e à cultura da Alemanha, representativo de uma antirraça devotada ao culto de Mammon e ao materialismo. Já no início de 1920, ele havia feito um apelo público: “Antissemitas do mundo, unam-se!”. Ele misturava o tradicional antissemitismo cristão em expressões do tipo: “Quando luto contra os judeus, estou lutando pelo Senhor”, com o antissemitismo nacional em sua determinação de salvar a Alemanha do que ele considerava uma ameaça moral, e combinava o antissemitismo racial com sua visão apolítica de uma luta até a morte entre os arianos e os judeus. Assim, havia uma mistura de antissemitismo “científico”, que apresentava os judeus como bactérias mortais que ameaçavam a nação, com o antissemitismo “religioso”, que os via como diabólicos.

Hitler insistia que os judeus eram uma raça e não uma religião ao afirmar que eles se disfarçavam como uma comunidade religiosa para serem tolerados, quando, na verdade, formavam um Estado dentro do Estado, fazendo de tudo para evitar a exogamia, o que preservaria, assim, sua pureza racial. Como não tinham um Estado próprio nem uma cultura, os judeus corrompiam e destruíam a cultura dos outros. Enquanto na Idade Média eram erguidas construções como as grandes catedrais, as quais durariam toda a eternidade, o homem contemporâneo só conseguia construir “lojas de departamento judaicas”, como aquelas de Wertheim e Tiez. Os judeus eram a força por trás da democracia, pois, segundo afirmou Adolf Hitler em *Mein Kampf*, “só um judeu é capaz de louvar uma instituição tão imunda e desonesta quanto ele mesmo”. A democracia social era judaica e representava a internacionalização do capital. Ela prosperava por causa da luta entre capital e trabalho resultante da “judaização do nosso *Volk* (povo)”, ressaltava Hitler. Ainda segundo a visão de mundo nazista (*Weltanschauung*), propagavam-se as seguintes ideias antissemitas: todos os sindicatos faziam parte do sinistro plano dos judeus do mundo todo para destruir a base econômica das nações independentes; o “liberalismo de Manchester”⁹ também era reflexo de um “ponto de vista judaico elementar”; a União Soviética era um país governado por literatos judeus e pelos bandidos da Bolsa de Valores; o marxismo era o despotismo da “economia judaica mundial”; a imprensa era controlada

9. Capitalismo desenfreado, de livre comércio.

pelos judeus e pelos maçons e manipulava a opinião pública, precisando, portanto, sofrer um rigoroso controle do Estado; a sífilis era uma doença oriunda da “judaização da moral e da banalização do instinto de acasalamento”; “o pecado contra o sangue e a raça é o pecado original deste mundo”, porque os judeus querem seduzir as jovens alemãs para destruir a raça; os judeus haviam controlado as indústrias de guerra centralizadas e lucrado imensamente à custa da Alemanha, fazendo-a perder a guerra; a revolução de Kurt Eisner na Baviera em 1918 ocorreu por determinação dos judeus internacionais; foram os judeus que trouxeram os “pretos” como tropas de ocupação para a Renânia; etc. Segundo a propaganda nazista, tudo isso tinha o objetivo de enfraquecer a raça ariana a ponto de abrir espaço para os judeus dominarem a Alemanha e depois o mundo.

A partir de todas essas mentiras da propaganda antissemita produzida pelos nazistas, Adolf Hitler conseguiu convencer a vasta maioria dos alemães de que havia um “problema judaico” que precisava de uma “solução”. O antissemitismo era, assim, apresentado como algo positivo, parte essencial de um programa minucioso para construir uma nação saudável e poderosa na qual a *Comunidade do Povo* viveria em harmonia e desfrutaria os benefícios de uma cultura purificada e vibrante.

DO ANTISSEMITISMO AO HOLOCAUSTO:

ETAPAS E INTERPRETAÇÕES

Como uma sociedade tão sofisticada quanto a alemã foi capaz de dar suporte às barbáries cometidas pelo regime nazista? Não é possível isentar o povo de responsabilidade, alegando que ninguém sabia o que estava acontecendo. A maioria sabia, sim, e provas disso não faltam. Por exemplo: a inauguração de Dachau, primeiro campo de concentração construído pelos nazistas, foi anunciada em 1933 numa entrevista coletiva. Ou seja: não dá para dizer que o regime ocultava os fatos e tentava manter a sociedade alheia aos crimes que estavam sendo cometidos (SZKLARZ, 2013, p. 6).

Os historiadores costumam demarcar a política antissemita do Terceiro Reich em três etapas distintas (Cf. CARNEIRO, 2007, p. 36-7):

Primeira etapa (1933-1938): banimento dos judeus alemães de todos os campos da vida econômica, social e política por meio da aplicação de uma legislação antissemita, de *pogroms*, boicotes comerciais, prisões, espancamentos públicos etc. Objetivo principal: reduzir os judeus alemães a uma minoria não reconhecida na Alemanha, retirando-lhes todas as condições econômicas, culturais e psicológicas de sobrevivência e expulsando-os do país como apátridas.

Nessa etapa ocorreram alguns acontecimentos marcantes, tais como: a organização de um boicote aos comerciantes judeus, organizado por Joseph Goebbels e Julius Streicher, realizado em 1º de abril de 1933, levando à pichação de Estrelas de Davi acompanhadas da palavra *Jude* (Judeu) nas vitrines de lojas de proprietários judeus; queima pública de livros de autores não alemães (em especial, os de origem judaica); humilhações públicas (os nazistas atacavam e humilhavam os judeus de muitas maneiras, como ao arrancar pelos das barbas dos homens ou forçá-los a dançar em público. Os judeus eram também obrigados a lavar e esfregar as ruas, enquanto nazistas e residentes locais observavam); todo judeu precisava ter seu passaporte visivelmente carimbado com a letra “J”, assim como os homens tinham de adicionar o nome “Israel” e as mulheres, o nome “Sarah”; promulgação de leis antisemitas (dentre as mais importantes, a Lei de Cidadania do Reich: colocava os judeus como cidadãos de segunda classe; e a lei para a proteção do sangue alemão e honra alemã: proibia o matrimônio entre judeus e não judeus).

Segunda etapa (1938-1941): recrudescimento do antisemitismo a partir da *Noite dos Cristais Quebrados* (*Kristallnacht*); extermínio de homens e mulheres pelo trabalho forçado; e prática de um programa de eutanásia, massacres sistemáticos, proliferação de guetos e de campos de concentração. Objetivo: num primeiro momento, impedi-los de deixar a Alemanha para, em seguida, colocar em prática a ideologia eliminacionista.

Terceira etapa (1941-1945): instalação dos campos de extermínio, inaugurando nova fase da metódica eliminação dos judeus na Europa, acompanhada pelo avanço das tropas alemãs em direção ao Leste Europeu. Objetivo: reagrupar os judeus em todos os lugares onde passassem a residir e, com a colaboração dos governos locais, enviá-los aos campos de extermínio.

Conforme é possível perceber, o antisemitismo foi um aspecto central do pensamento de Adolf Hitler e da política do Terceiro Reich. Mas até que ponto o ódio aos 600 mil judeus alemães (1% da população) influenciou os cidadãos comuns a abraçar o regime nazista e colaborar – de forma direta ou passiva – para a “Solução Final da Questão Judaica”, o Holocausto?

As principais interpretações sobre o Holocausto podem ser divididas em dois grupos principais: os funcionalistas e os intencionalistas.

Os *funcionalistas*, como Ian Kershaw (1987; 2010) e Christopher Browning (2004), acreditam que o genocídio emergiu paulatinamente por meio de uma “radicalização cumulativa”. Isto é, não havia um plano de longo prazo para exterminar a comunidade judaica. Os adeptos dessa linha de pensamento acreditam que inclusive alternativas para resolver aquilo que os alemães classificavam como “problema judeu” teriam sido exploradas,

mas fracassaram. Então, a partir dali, aos poucos, a matança teria se revelado a solução mais eficaz. Ian Kershaw concluiu que o antissemitismo não era ativo, mas latente. E não foi o fator principal de adesão do eleitor ao nazismo (a ânsia de ordem e a estabilidade foram mais importantes). “Existia o que chamo de ‘ódio latente’ ao judeu, tingido de antijudaísmo cristão. Essa estrutura tradicional da identidade nacional conduziu os alemães a aceitar a política antissemita do regime nazista, e as igrejas de todas as confissões, a não denunciá-la”, diz Kershaw.

Isso permite entender o motivo de o nazismo não ter conseguido, fora do círculo do partido, transformar o ódio estático em ódio dinâmico e levar cada um a perseguir judeus. Mas também explica que os alemães deixaram, por indiferença, que o regime nazista se lançasse a essa tarefa. O resultado foi que todo um povo em guerra colaborou com o extermínio.

Já na opinião dos *intencionalistas*, entre eles, Daniel J. Goldhagen (1997), o Holocausto teria sido a concretização de um “antissemitismo eliminacionista” constante na história alemã. Para os defensores dessa visão, os nazistas apenas concederam aos alemães comuns a oportunidade de realizar algo que eles sempre desejaram: assassinar o povo judeu.

Ainda que a posição intencionalista mereça ser considerada e tenha sua validade, ela ainda precisa explicar quando o genocídio começou e o que o teria motivado. O intencionalismo, ao menos em sua forma mais extrema, tende a reduzir o impacto dos eventos cotidianos e das decisões tomadas durante as décadas de 1930 e 1940. Mas também existem problemas com a visão funcionalista, que parece ignorar os profundos efeitos da ideologia racista do nazismo. Numa análise extrema, pode-se dizer que a responsabilidade pelo genocídio parece não recair sobre pessoas específicas, mas sim ser resultado de um processo burocrático.

O trabalho de Omer Bartov (2001) sobre o Exército alemão na União Soviética revelou o quanto as tropas nazistas estavam contaminadas por atitudes racistas contra os judeus e os eslavos. Contagiadas por tais pensamentos, elas agiam de modo condizente, fazendo que o racismo fosse algo presente todo o tempo já desde o começo da Operação Barbarossa. Esse sentimento estava impregnado nas atrocidades perpetradas contra os judeus em especial, mas também se direcionava contra a população soviética como um todo. Com as pesquisas atuais, está ficando cada vez mais claro que organizações nazistas como a SS (*Schutzstaffeln*) [Esquadrão de Proteção] não eram as únicas cúmplices do nazismo.

O livro *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*, de Christopher Browning (1998), debruçou-se sobre o comporta-

mento assassino de um batalhão da Polícia de Reserva na Polônia, em 1942. A descoberta de Browning foi a de que ninguém forçou aqueles homens a serem assassinos em massa – eles eram livres para escolher. Em *Os carrascos voluntários de Hitler*, Daniel Goldhagen (1997), outro historiador que também estudou o grupo, considerou-o uma prova concreta de que o antissemitismo eliminacionista infectava os alemães em geral. Para o autor, “quando os nazistas assumiram o poder, encontraram-se senhores de uma sociedade já imbuída de noções prontas a serem mobilizadas para a mais extrema forma de eliminação imaginável”. Por sua vez, Browning enxerga o grupo como uma prova do baixo nível moral que se instala de forma generalizada, motivado, em parte, pela insidiosa propaganda nazista, mas, em maior medida, pela extrema brutalidade com que a guerra era lutada no Leste.

Recentemente, as pesquisas têm se concentrado de maneira enfática na civilização judaica da Europa Oriental. Uma nova pesquisa, por exemplo, sobre o período anterior à guerra na cidade de Vilnius – “a Jerusalém da Lituânia” – ajuda-nos a enxergar os judeus europeus como mais do que vítimas. Durante mil anos, eles foram elemento vital nas sociedades europeias.

No livro *“Final Solution”: Nazi Population Policy and the Murder of the European Jews*, o historiador alemão Götz Aly (1999) ressalta que o Holocausto precisa ser visto no contexto dos planos nazistas para o continente como um todo, o que envolve transferências populacionais em bloco, reassentamentos forçados – o que chamaríamos hoje de “limpeza étnica” – e a remoção indiscriminada de grupos tidos como destoantes dessa “biotopia”.

Além dos judeus, outros povos merecem também atenção. É o caso dos ciganos da Europa Oriental e Mediterrânea e das populações “hereditariamente doentes”, dentro da Alemanha e em seus arredores. A perseguição atingia todos aqueles que os nazistas temiam ou desaprovavam, incluindo alcoólatras, homossexuais, indivíduos antissociais e inativos.

O INIMIGO JUDEU E A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS DE JEFFREY HERF

A magnitude dos horrores e da crueldade do Holocausto – genocídio perpetrado pelos nazistas contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) – ocupa um lugar de destaque nos registros históricos, sendo considerado um dos acontecimentos mais violentos e nefastos do século XX. Tendo despertado a atenção mundial desde o final da guerra, há mais de sessenta anos, a extensão das atrocidades contra os judeus, no entanto, tem ofuscado a meticulosidade discursiva utilizada pelos nazistas para justificar seus atos.

Segundo a imprensa alemã da época da Segunda Guerra Mundial, eram, na verdade, considerados alvos os cidadãos alemães a serem exterminados pelos “planos maquiavélicos” arquitetados por uma vasta rede de conspiração internacional, liderada pelos judeus. Dessa forma, os judeus foram retratados pelos nazistas como beligerantes insidiosos, que, de modo astuto e poderoso, conseguiam manipular as ações dos principais líderes políticos da época, como Franklin Delano Roosevelt, Winston Churchill e Josef Stalin. Obrigado a enfrentar esses terríveis inimigos e seus aliados, coube ao *Führer* Adolf Hitler apresentar a política antissemita nazista – e a posterior “Solução Final para a Questão Judaica” – como um ato defensivo, um movimento necessário para destruir os judeus antes que estes destruíssem a Alemanha.

Para o empreendimento dessa missão, Adolf Hitler contou com o trabalho de homens como Joseph Goebbels, o poderoso ministro da Propaganda, e Otto Dietrich, da Assessoria de Imprensa, responsáveis por traduzir essa visão fanática em uma narrativa coerente cautelar, que a máquina de propaganda nazista tratou de disseminar amplamente nos recessos da vida cotidiana dos alemães. O clima de paranoia subjacente à ideologia do Terceiro Reich foi veiculado de forma massiva por meio dos cartazes de propaganda afixados nas paredes, os quais os alemães viam enquanto aguardavam o bonde, dos discursos de rádio que ouviam em casa ou na rua, das manchetes jornalísticas penduradas nas bancas de jornal, expondo a sociedade alemã de forma assombrosa aos diversos elementos de uma visão ilusória de mundo nazista, em que Hitler legitimou a guerra e o subsequente genocídio, inclusive de seu próprio povo, como ações necessárias para destruir um supostamente onipotente inimigo judeu.

Essa é a perspectiva de análise trabalhada pelo presente livro – *Inimigo judeu: propaganda nazista durante a Segunda Guerra Mundial e o Holocausto*, de autoria de Jeffrey Herf –, e que representa mais uma contribuição aos estudos da política antissemita do Terceiro Reich, a qual culminou com a “Solução Final da Questão Judaica” – o Holocausto. Publicada originalmente em inglês pela Harvard University Press no ano de 2006, a obra prossegue aprofundando aspectos da política nazista, foco de interesse do renomado historiador Jeffrey Herf (*1947), professor de História da Europa Moderna e Contemporânea na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos da América, que tem se dedicado ao longo dos anos em estudar a intersecção de ideias e políticas na História da Europa Contemporânea, publicando extensivamente sobre a História da Alemanha no século XX.

Desde a publicação de *Modernismo reacionário: tecnologia, cultura e política na República de Weimar e no Terceiro Reich* (Cambridge University Press,

1984), lançado no Brasil pela Editora Ensaio/Unicamp, em 1993, Herf manifestou amplamente sua capacidade tanto em trazer novos tópicos interessantes ao foco de pesquisa quanto em revisitar temas mais tradicionais a partir de uma nova perspectiva. Neste, que é certamente o seu trabalho mais conhecido, Jeffrey Herf cunhou o termo “modernismo reacionário” para descrever o pensamento alemão em um período posterior ao do filósofo Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). A ação dos autores que Herf analisa vai da República de Weimar (1919-1933) ao Terceiro Reich – do final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) à Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Até então, segundo o autor, o pensamento conservador – como o de Nietzsche – havia condenado o industrialismo e o progresso como prenúncio de um mundo sem alma. O passado pré-capitalista, no qual a elite rural predominava, era idealizado como um cenário de glória, cuja ordem fora profanada. O mundo profundamente hierarquizado, no qual os privilégios da aristocracia eram baseados no nascimento e as massas mantinham-se respeitosa e submissas, era rapidamente substituído por novas relações, em que o dinheiro era o novo senhor.

A cultura elitista alemã do entreguerras, pensa Jeffrey Herf, foi capaz de combinar o industrialismo com o espírito alemão. Criaram a ideologia que moveu fanáticos com o espírito dos cavaleiros teutônicos, armados com máquinas produzidas pela tecnologia mais avançada das décadas de 1930 e 1940. Nesse aspecto, Ernst Jünger foi talvez o escritor de maior sucesso. Antiparlamentar e antidemocrático, irracionalista e romântico, ele desprezava as massas e exaltava o mito de uma elite carismática. Ao pregar um “nacionalismo novo”, ele fazia a apologia da guerra e defendia uma terceira via (contra o comunismo e o capitalismo), uma forma de organização social baseada na militarização do trabalho. O trabalhador-soldado de Jünger, diz Herf, “foi um dos mais duradouros símbolos modernistas reacionários. Apresentava uma mistura vívida, facilmente inteligível, de tradição cultural e modernismo técnico, mistura que se tornou tema comum na propaganda do regime de Hitler”. Além de Jünger, Herf analisa autores como Oswald Spengler, Martin Heidegger, Carl Schmitt, Hans Freyer e Werner Sombart.

Um rápido olhar sobre os títulos de suas outras três publicações importantes (*War By Other Means: Soviet Power, West German Resistance and the Battle of the Euromissiles* [1991]; *Divided Memory: The Nazi Past in the Two Germanys* [1997]; e *Nazi Propaganda for the Arab World* [2010]) atesta sua constante mudança de concentração de temas dentro da História alemã do século XX, mas também a sua vontade de se envolver com os mais variados assuntos, períodos ou mesmo países.

Inimigo judeu marca um retorno ao estudo do período do Terceiro Reich, mas o foco principal do livro na propaganda nazista antissemita durante a Segunda Guerra Mundial coloca-o em uma vertente diferente da historiografia, em comparação com seus trabalhos anteriores. A propaganda nazista sempre recebeu atenção acadêmica, seja na base do “totalitarismo”¹⁰ no contexto de “fascismo genérico”, seja do ponto de vista do Holocausto.¹¹ O tema tem recebido consideração renovada nas duas últimas décadas, nomeadamente por meio das obras de autores como Ian Kershaw (1987), contribuindo assim para uma tendência crescente de tomar seriamente a propaganda (nazista). Abordagens interdisciplinares, novos quadros conceituais e metodologias, bem como um espectro mais amplo de novos aspectos de pesquisa (como o cinema, a propaganda visual, a radiodifusão, a televisão e assim por diante), criaram um campo fascinante e constantemente atualizado de estudo que oferece uma visão valiosa sobre o nacional-socialismo como um todo.¹²

Inimigo judeu é tanto uma contribuição bem-vinda a essa discussão historiográfica quanto um livro *sui generis*. Em comparação com outros trabalhos recentes sobre a propaganda nazista, o escopo do Herf é mais restrito, tanto em termos de assunto (propaganda antissemita) quanto em relação ao período histórico (Segunda Guerra Mundial). O tema do presente livro é baseado em um capítulo publicado pelo autor em 2005 (HERF, 2005, p. 159-202) sobre as técnicas de propaganda nazista, empregadas por Joseph Goebbels durante a Segunda Guerra Mundial, para envolver a opinião pública alemã em políticas genocidas do regime. Embora forneça uma visão geral da propaganda nazista de guerra, a sua arquitetura baseava-se na proposição de que a crença em uma “conspiração judaica” mundial constituía a cola que mantinha os vários discursos nazistas juntos. De acordo com Herf, essa narrativa particular sustentava toda a visão de mundo da liderança nazista (particularmente de Adolf Hitler e Joseph Goebbels) e tornou-se a base autorreferencial para interpretar

10. Em *Origens do totalitarismo*, Hannah Arendt considera que “nos países totalitários, a propaganda e o terror parecem ser duas faces da mesma moeda” (ARENDR, 1998, p. 390). Já Joachim Fest (1974) chega a afirmar que “a propaganda foi o gênio do nacional-socialismo”, pois ela não foi apenas a determinante das mais importantes vitórias de Hitler. Mais que isso, ela foi a alavanca que promoveu a ascensão do partido, sendo mesmo parte da sua essência, e não simples instrumento de poder. É muito mais difícil compreender o nacional-socialismo por meio de sua nebulosa e contraditória filosofia do que pela índole da sua propaganda. Indo ao extremo, pode-se dizer que o nacional-socialismo era propaganda disfarçada em ideologia”.

11. Refiro-me, em especial, aos trabalhos: ZEMAN, 1964; BRAMSTED, 1965; STEINERT, 1977; BAIRD, 1974; HERZSTEIN, 1978; BANKIER, 1992.

12. Dentre os trabalhos mais recentes, destaco os de minha autoria: PEREIRA, 2013; PEREIRA, 2010; PEREIRA, 2009. No exterior, destaco os trabalhos de: BYTWERK, 2004; e KALLIS, 2006.

o passado e o presente. O autor nos exorta a abandonar o predominante “viés racionalista”, que tende a ver a ideologia como um “instrumento utilizado para outros fins” e, assim, compreender que:

Esta análise exige que repensemos o significado da familiar expressão “guerra contra os judeus”. Para a liderança nazista e seus milhões de seguidores, a Segunda Guerra Mundial e a Solução Final não eram dois eventos distintos. Pelo contrário, em suas mentes, a guerra contra os judeus era sinônimo da segunda guerra mundial, isto é, da guerra contra as principais potências da coalizão anti-Hitler: a Grã-Bretanha, a União Soviética e os Estados Unidos. De acordo com os nazistas, estes eram cúmplices e marionetes dos manipuladores judeus agindo nos bastidores. Tanto em conversas privadas como em discursos transmitidos para milhões de pessoas, os nazistas afirmavam que os judeus eram a força motriz da Segunda Guerra Mundial. Aos judeus atribuíam autonomia aparentemente ilimitada, subjetividade e poder, enquanto negavam estes mesmos atributos aos líderes políticos das mais poderosas nações no mundo à época, principalmente Winston Churchill, Franklin D. Roosevelt e Joseph Stalin. Conforme os Aliados lutavam contra a Alemanha Nazista, esta afirmava que seriam os judeus que pagariam por isso. Quando os tanques soviéticos e os aviões americanos e britânicos levaram morte e destruição para as tropas e cidades do Terceiro Reich, a máquina da propaganda nazista apresentou esses ataques dos Aliados como uma agressão judaica injustificada que constituía evidência tangível de que os judeus internacionais tentavam de fato exterminar os alemães. (HERF, 2005, p. 215-6, tradução nossa)

Por meio de uma estrutura cronológica que se move facilmente de uma seção introdutória sobre temas e estruturas da propaganda nazista pré-1939 para as mudanças da narrativa propagandística na Segunda Guerra Mundial, Herf mostra de forma convincente que os ataques dos “inimigos” do regime em tempo de guerra (Grã-Bretanha; depois de 1941, a União Soviética e os Estados Unidos da América) foram sustentados pelo mesmo preâmbulo de uma suposta “conspiração judaica internacional”. Essa noção, longe de ser um simples truque de propaganda, tinha sido meticulosamente articulada nas décadas de 1920 e 1930 por Hitler e seus comparsas (Capítulos 1-2), tornando-se um prisma através do qual a liderança nazista continuava a interpretar a História da Alemanha (e, na verdade, também do mundo) até o fim. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, essa narrativa adquiriu relevância renovada, dessa vez por estar associada à suposta culpabilidade dos judeus pela própria guerra em si (Capítulo 3), no que Herf chama de “inversão de causa e efeito” flagrante. O Capítulo 4 aponta para uma revisão da propaganda nazista na esteira da Operação Barbarossa, depois de dois

anos de uma aliança desconfortável com a União Soviética e a entrada dos Estados Unidos da América, após o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor em 7 de dezembro de 1941, na Segunda Guerra Mundial. O Capítulo 5 examina o período durante o qual a máquina genocida do regime nazista iniciou o processo de extermínio em massa da população judaica europeia e sugere uma analogia entre a radicalização letal da política e o tom cada vez mais agressivo da própria propaganda. Herf sustenta que tanto as referências particulares (como as anotações do diário de Goebbels) quanto os pronunciamentos públicos (como os discursos de Hitler) sobre “extermínio” e “aniquilação” devem ser tomados pelo valor real, em vez de serem descartados como eufemismos.¹³ Finalmente, os dois últimos capítulos relatam o salto da propaganda nazista para os discursos de “medo” após a derrota em Stalingrado – uma tendência que se tornou muito mais acentuada em 1944 e 1945. Mais uma vez, no entanto, a ideia da “conspiração judaica” era onipresente, paradoxalmente tanto como uma justificação para continuar o esforço do regime nazista na manutenção da guerra quanto como uma desculpa para a derrota iminente.

O argumento de Herf é lucidamente apresentado desde as primeiras páginas e, de forma consistente, ecoou por toda a análise posterior. Um argumento de múltiplas camadas, que repousa sobre algumas ideias fundamentais. Para Herf, “Hitler era o ator histórico decisivo e central dirigindo os eventos históricos em direção à guerra e o Holocausto”. Ele é retratado como empenhado em uma “guerra total” desde 1938-1939 e determinado a “resolver” a “Questão Judaica” da maneira mais intransigente e brutal (genocida). A esse respeito, Herf abraça totalmente uma abordagem intencionalista, a qual afirma que Hitler foi o responsável pelo Holocausto, tendo desde a sua juventude em Viena mantido a crença ideológica na necessidade de uma política de extermínio do “inimigo judeu” da Alemanha, o qual foi consistentemente reforçada ao longo de sua carreira política por meio de discursos

13. Na luta contra a negação do Holocausto e do falso revisionismo histórico, é importante ressaltar a variedade de fontes históricas – algumas delas trabalhadas por Jeffrey Herf neste livro – que podem ser utilizadas pelo historiador. Temos, por exemplo, as gravações dos discursos de Heinrich Himmler, nos quais o oficial nazista fala abertamente sobre a matança de judeus como “uma página de glória em nossa história que nunca foi e nem será escrita”. Além disso, há enormes quantidades de fotografias e filmes – as tentativas nazistas de proibir o registro dos assassinatos em massa costumavam ser ignoradas – e documentos que descrevem os trens a caminho da morte em Treblinka e Birkenau. Não bastasse isso tudo, temos o testemunho voluntário de uma série de criminosos, até de homens como Stangl, o comandante de Treblinka, e Adolf Eichmann, responsável pela questão judaica no escritório do Serviço de Segurança em Berlim. Por fim, não podemos ignorar os relatos das vítimas sobreviventes do Holocausto e dos campos de extermínio em si.

e iniciativas políticas similares. Herf atribui significado central ao discurso profético de Hitler, proferido no *Reichstag* em 30 de janeiro de 1939, levando extremamente a sério todos os pronunciamentos públicos de Hitler e dos principais dirigentes nazistas. Na verdade, Herf interpreta a fala de Hitler de 30 de setembro de 1942, em que dizia que “[os judeus] vão parar de rir em todos os lugares”, como coincidente para anunciar o genocídio a sua audiência. Ele descarta sumariamente a discussão sobre o chamado “Plano Madagascar”¹⁴ como “mentira para a posteridade”, refutando assim a tese funcionalista. Quando se trata da opinião pública alemã, no entanto, Herf é cuidadoso para não fazer julgamentos simplistas. Mas ele enfatiza que estava escrita na parede – figurativa e literalmente – a frase “eles vão parar de rir”, que se tornou um dos lemas mais amplamente difundidos e lidos através de um pôster de novembro de 1942 (uma fonte que Herf considera crucial e largamente subestimada pelos trabalhos anteriores sobre a propaganda nazista). Nesse caso, o autor se pergunta se os alemães confrontados com esse cartaz teriam tido “a curiosidade intelectual, perspicácia política e coragem moral” para perceber que se tratava de um anúncio virtual do genocídio. Curiosamente, contudo, o autor nunca questiona as intenções políticas do regime para esse efeito particular.

Dada a abordagem intencionalista de Jeffrey Herf, *Inimigo judeu* concentra-se fortemente nas personalidades de Hitler e Goebbels. Há referências a outras figuras políticas como Otto Dietrich, Julius Streicher e Robert Ley, bem como a alguns outros propagandistas importantes (como Wolfgang Diewerge); mas, para o autor, a propaganda antissemita nazista revela tanto o completo acordo político-ideológico quanto “a cooperação entre as instituições diferentes e às vezes antagônicas”. Um exemplo dessa visão aparece quando o autor retrata Dietrich e Goebbels como presos em batalhas pessoais e jurisdicionais, mas ao mesmo tempo cada um acaba por contribuir para a radicalização letal da propaganda antissemita. Herf também focaliza a propaganda dirigida ao público dos países árabes, aspecto que acabou sendo tema de seu livro mais recente, *Nazi Propaganda for the Arab World*.

Ao investigar os motivos por trás da propaganda antissemita do regime nazista, Jeffrey Herf dá menor destaque tanto para a base histórica do antissemitismo quanto para a contribuição letal feita por “modernos” argumentos racistas, ao preferir interpretar o genocídio nazista como “uma

14. O Plano Madagascar: em 1940, os nazistas tinham a ideia de dominar a França e enviar um enorme grupo de judeus para a colônia francesa de Madagascar, na costa da África. Mas o plano exigiria o uso da Força Naval britânica para transportar os judeus e, como a Grã-Bretanha não fora derrotada, o plano foi abandonado.

política paranoica em vez de convicção e narrativa biológica”. Essa ideia parece rebaixar a importância dos discursos de raça e eugenia na ideologia nazista em favor de uma mais desenvolvida crença onipresente na suposta onipotência política do “judeu internacional”. Com isso, o autor busca enfatizar o imaginário propagandístico nazista que atribuía ao judeu a responsabilidade/culpa: pela “punhalada nas costas” da Alemanha sofrida ao final da Primeira Guerra Mundial; por incitar as nações estrangeiras a entrar em rivalidade com a Alemanha, o que ocasionou, assim, a eclosão da Segunda Guerra Mundial; pela recusa obstinada de Winston Churchill em negociar o fim da guerra com a Alemanha; pelo apoio de Franklin D. Roosevelt à Grã-Bretanha e eventual decisão de se juntar aos Aliados na guerra; pela aliança de Joseph Stalin com o Ocidente; pela destruição da Alemanha depois de 1943; e pelos supostos planos punitivos dos Aliados para reduzir um Reich derrotado aos escombros. Nesse universo político emaranhado, a aniquilação de milhões de judeus europeus foi, de acordo com Jeffrey Herf, “uma consequência normal da lógica [nazista] da guerra”.

Apresentei ao leitor apenas alguns aspectos tratados no livro com o intuito de estimular a leitura e a discussão que certamente serão muito ricas e proveitosas para o conhecimento da história da Alemanha Nazista, da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto. O livro de Jeffrey Herf tem o mérito de trazer para o centro da discussão a questão da propagação e dos usos políticos do antissemitismo, refletir sobre o importante papel desempenhado pela propaganda política na construção de imaginários sociais e abrir espaço para o debate sobre como o regime nazista utilizou-se de todo um aparato propagandístico para conseguir para si legitimidade, consenso e consentimento durante a Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS

- ALY, Götz. *“Final Solution”*: Nazi Population Policy and the Murder of the European Jews. London: Arnold, 1999.
- ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BAIRD, Jay W. *The Mythical World of Nazi War Propaganda, 1939-1945*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1974.
- BANKIER, David. *The Germans and the Final Solution: Public Opinion under Nazism*. Oxford: Blackwell, 1992.
- BARTOV, Omer. *The Eastern Front, 1941-45: German Troops and the Barbarisation of Warfare*. New York: Palgrave, 2001.
- BRAMSTED, Ernst K. *Goebbels and National Socialist Propaganda 1925-1945*. East Lansing: Michigan State University Press, 1965.
- BROWNING, Christopher. *Ordinary Men: Reserve Police Battalion 101 and the Final Solution in Poland*. New York: Harper Perennial, 1998.
- _____. *The Origins of the Final Solution: The Evolution of Nazi Jewish Policy, September 1939 – March 1942*. Jerusalem: Yad Vashem, 2004.
- BYTWERK, Randall. *Bending Spines: The Propaganda of Nazi Germany and the German Democratic Republic*. East Lansing: Michigan State University Press, 2004.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto: Crime contra a humanidade*. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *O antissemitismo na Era Vargas: fantasmas de uma geração (1930-1945)*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- FEST, Joachim. *The face of the Third Reich*. London: [s.n.], 1974.
- GOLDHAGEN, Daniel. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- HERE, Jeffrey. “Der Krieg und die Juden”: Nationalsozialistische Propaganda im Zweiten Weltkrieg. In: ECHTERNKAMP, Jörg (Ed.). *Das Deutsche Reich und der Zweite Weltkrieg, Band 9:2 Die Deutsche Kriegsgesellschaft, 1939 bis 1945*. Munich: Deutsche Verlags-Anstalt, 2005.
- HERZSTEIN, Robert Edwin. *The War that Hitler Won: The Most Infamous Propaganda Campaign in History*. New York: G.P. Putnam’s Sons, 1978.
- ISAAC, Jules. *Jesus e Israel e a gênese do antissemitismo*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- KALLIS, Aristotle. *Nazi Propaganda in the Second World War*. London: Palgrave, 2006.
- KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *The “Hitler Myth”: Image and Reality in the Third Reich*. Oxford: Oxford University Press, 1987.
- LEFORT, Claude. *A invenção democrática: Os limites do totalitarismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

- PEREIRA, Wagner Pinheiro. A ditadura das imagens: cinema e propaganda nos regimes políticos de massas da Europa e da América Latina (1922-1955). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al. *O Brasil e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2010.
- _____. O espetáculo do poder: políticas de comunicação e propaganda nos fascismos europeus e nos populismos latino-americanos (1922-1955). In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti et al. (Orgs.). *Do político e suas interpretações*. Campinas: Pontes Editores, 2009.
- _____. *O poder das imagens: cinema e política nos governos de Adolf Hitler e Franklin D. Roosevelt (1933-1945)*. São Paulo: Alameda, 2013.
- POLIAKOV, Leon. *De Voltaire a Wagner: história do Antissemitismo (III)*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- STEINERT, Marlis G. *Hitler's War and the Germans: Public Mood and Attitude during the Second World War*. Atenas: Ohio University Press, 1977.
- SZKLARZ, Eduardo. Alucinação coletiva. In: _____. *Nazismo: o lado oculto do Terceiro Reich*. São Paulo: Abril, 2013.
- VOLKOV, Shulamit. Antisemitism as a Cultural Code. Reflections on the History and Historiography of Antisemitism in Imperial Germany. *Yearbook of the Leo Baeck Institute*, XXIII, p. 25-45, 1978.
- WAGNER, Richard. *Judaismus im Musik*. In: _____. *Neue Zeitschrift für Musik*. Berlin: [s.n.], sept. 1850.
- ZEMAN, Z. A. B. *Nazi Propaganda*. London: Oxford University Press, 1964.

PREFÁCIO

Por que o antissemitismo europeu, especialmente o alemão, que até então nunca havia levado adiante uma tentativa de assassinar todos os judeus da Europa, tentou fazê-lo entre 1941 e 1945 no meio da Segunda Guerra Mundial? O que mudou para que o antissemitismo se tornasse um método de assassinato em massa em vez de apenas uma continuação dos padrões de perseguição que já existiam há tantos séculos? A resposta reside naquilo que Hitler e seus principais propagandistas e ideólogos tinham a dizer sobre a “questão judaica” no meio da guerra e do Holocausto e em suas tentativas de modelar a narrativa dos eventos por meio de propaganda na imprensa controlada. É de surpreender que, considerada a extensa literatura sobre o assunto, *Inimigo judeu* seja o único livro a examinar em profundidade a paranoia antissemita no modo como os nazistas relatavam a guerra mundial. A história de uma Alemanha inocente sob ameaça de “extermínio” pelo judaísmo internacional servia ao mesmo tempo como anúncio público e justificativa para a Solução Final.

No jargão dos historiadores, esta é uma obra de intencionalismo modificado. Isto é, ela examina as intenções ideológicas dos principais atores políticos na conjuntura histórica que foi a Segunda Guerra Mundial. O Holocausto, no entanto, não foi o resultado inevitável das continuidades da história alemã ou europeia. A longa tradição de antissemitismo elitista ou popular criou um clima de indiferença com o qual os assassinos podiam trabalhar, mas não inspirava por si só uma política de extermínio em massa. Pois foi apenas graças às circunstâncias históricas específicas da guerra que a corrente mais radical e paranoica do antissemitismo europeu e especialmente alemão, adotada por Hitler desde o início de suas atividades políticas,

tornou-se a chave explicativa dada pela ditadura alemã para os eventos que ocorriam e, portanto, um fator causal na evolução do Holocausto. Hitler e seus companheiros já acreditavam há muito tempo que o antissemitismo oferecia a sustentação explanatória para a história mundial. Primeiro em 1939, então com maior força em 1941, e em ascendência até os últimos dias do regime nazista, ele e seus principais propagandistas argumentavam pela necessidade de se “exterminar” os judeus antes que eles exterminassem a Alemanha e os alemães.

Historiadores de uma geração anterior iluminaram e inspiraram a mim e a muitos outros com seu trabalho e encorajamento pessoal. A análise de Karl Bracher sobre o regime nazista e o século europeu de ideologias tem sido um exemplo de explicação histórica e clareza moral. A explicação de François Furet sobre a intersecção de ideias, eventos e circunstâncias ao redor do terror na Revolução Francesa serviu como modelo para a integração de correntes ideológicas radicais na narrativa da história política e como um antídoto para o determinismo histórico. Thomas Nipperdey examinou o antissemitismo como uma das “múltiplas continuidades” da história alemã e europeia. As mortes de Furet e Nipperdey deixam um vazio intelectual e pessoal.

Bracher, Furet e Nipperdey fazem parte da rica tradição acadêmica de se examinar a intersecção entre ideias e política. George Mosse e Walter Laqueur também trabalharam nesta tradição. Juntos eles fundaram e editaram o *Journal of Contemporary History*, no qual foram publicados trabalhos de grande importância sobre o nazismo e o fascismo. Laqueur deu contribuições essenciais para a história do Holocausto, estimulou meu interesse na mistura entre linguagem dissimulada e direta na propaganda nazista antissemita, além de me motivar ao longo dos anos. Mosse conduziu a pesquisa histórica segundo as origens ideológicas do Holocausto e iluminou de vários modos a maneira como vários componentes da cultura europeia contribuíram para um clima em que o Holocausto tornou-se possível. Por três décadas ele foi um professor, exemplo e amigo inspirador.